

REVISITANDO AS IDEIAS DE PAULO FREIRE E DE JOÃO FRANCISCO DE SOUZA: EDUCAÇÃO POPULAR, DIVERSIDADE CULTURAL E CURRÍCULO

Emília Maria da Trindade Prestes¹

RESUMO

O texto comenta a vigência das ideias de Paulo Freire, através da interlocução de João Francisco de Souza e de uma experiência de educação popular denominada Tertúlia Literária Dialógica. A experiência, organizada para pessoas adultas na Escuela de Educación de Adultos La Verneda de San Martín, onde o pensamento de Freire, aplicado aos processos pedagógicos, ajuda os participantes a refletirem sobre a aceitação do “outro” e a conviverem com o “diferente”, num sistema mundial pluricultural. A ideia inicial é a de oferecer, através de algumas obras de Paulo Freire subsídios que possam ser integrados às políticas e às práticas curriculares comprometidas com o respeito à diferença e à pluralidade cultural. A autora adota a hipótese de João Francisco de Souza de que as ideias pedagógicas de Freire assumem o “caráter de uma nova utopia para o Século XXI”, contribuindo para valorizar o papel da educação no debate inter/multicultural e no interior da diversidade cultural.

Palavras-chave: Freire; João Francisco; Educação multicultural; Currículo; Tertúlia literária dialógica.

INTRODUÇÃO

No ano de 2012, Paulo Freire foi declarado patrono da educação brasileira e, em 2013, com as celebrações do cinquentenário de sua experiência de alfabetização em Angicos/RN, pôs-se em evidência, em âmbito nacional (e internacional) a atualidade de seu pensamento, nas questões relacionadas à educação e à educação popular.

Neste texto, inserido no bojo dessas celebrações, pretendo comentar a vigência das ideias de Paulo Freire, através da interlocução de João Francisco de Souza e de uma experiência de educação popular denominada Tertúlia Literária Dialógica, organizada para pessoas adultas na Escuela de Educación de Adultos La Verneda de San Martín, em Barcelona/Espanha, onde o pensamento de Freire ajuda os participantes a refletirem sobre a aceitação do “outro” e a conviver com o “diferente”, num sistema mundial pluricultural. A ideia inicial é de oferecer, através de algumas obras de Paulo Freire, subsídios por meio dos quais se integrem políticas e práticas curriculares comprometidas com o respeito à diferença e à pluralidade cultural.

De início, apresento a hipótese de João Francisco de Souza de que as ideias pedagógicas de Freire assumem o “caráter de uma nova utopia para o Século XXI”, o que contribui para se valorizar o papel da educação no debate inter/multicultural e no interior da diversidade cultural.

¹ UFPB/CNPQ. prestesemilia@yahoo.com.br

O texto é organizado de forma tridimensional, mas, ao mesmo tempo, inter-relacionada. Na primeira dimensão, narro algumas experiências de “encontros” com Freire e Souza e me coloco como sujeito aprendente vivenciando experiências diversificadas. Na segunda dimensão, através da experiência da Tertúlia Literária, trato de buscar relações entre a atualidade do pensamento de Freire e o fazer prático educativo, em um contexto de diversidade cultural. Finalmente, na terceira dimensão, apresento as ideias de João Francisco sobre a vigência das ideias de Freire, seu “caráter de uma nova utopia para o Século XXI” e sua contribuição para valorizar o papel da educação no debate inter/multicultural e no interior da diversidade cultural e sua aplicabilidade no currículo escolar.

A obra de Freire denominada **Conscientização**, escrita no ano de 1979, especificamente em seu primeiro capítulo, chamado “O homem e sua experiência: Paulo Freire por si mesmo”, e a primeira parte do segundo capítulo, “Filosofia e problemática: visão do mundo e ideias força”, inspiraram-me a organizar os relatos de minhas experiências de vida como sujeito aprendente. Como a organização do texto consiste em ir articulando, em forma de simbiose, suas diferentes dimensões para formar uma unidade, apoiei-me na obra de João Francisco de Souza, *“Atualidade de Paulo Freire - Contribuição ao debate sobre educação na diversidade cultural”*, que contém a defesa da atualidade das ideias de Paulo Freire, no contexto da diversidade cultural, onde se destaca o conceito freireano de “processos cognitivos”, entendidos como procedimentos pelos quais “mulheres e homens ressignificam seu mundo, o mundo compreendendo-o de uma nova maneira, mais ampla e consistente (...) processos que dão um sentido novo à compreensão, interpretação e explicações anteriores” (Souza, 2002, p. 210).

Esse conceito me permite considerar que a experiência educativa que vivenciei, quando participei das Tertúlias Literárias, deu-me a oportunidade de me inserir “na transformação das relações sociais predominantes que provocam as desigualdades sociais e as exclusões culturais (SANTOS, 1995b, in SOUZA, 2003: 19), ou seja, oportunizou-me aprendizagens que me tornaram capaz de desenvolver “novas competências intelectuais”, de “confrontar culturas”, de “experimentar novas formas culturais”, “adquirir nova socialização ou ressocialização” (Souza, idem) e de me transformar.

CANÇÕES DE EXÍLIOS E DE ENCONTROS

Quando, no mês de abril deste ano de 2013, o Brasil comemorou os 50 anos da experiência de alfabetização desenvolvida por Paulo Freire na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, fazendo o mundo contemporâneo recordar que a educação continua a ser um dos caminhos que possibilitam práticas de liberdade e de respeito ao outro, lembrei que Paulo Freire surgiu em minha vida no início dos anos 80, quando eu cursava o Mestrado em Educação de Jovens e Adultos na Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Ele me foi apresentado por Elisa Mineiros, uma assistente social, professora do nosso curso, conhecida como a “guerreira” e considerada “subversiva” por ser uma das militantes mais atuantes da esquerda do país. Certo dia, chegou com os livros *Pedagogia do Oprimido* e *Educação como Prática de Liberdade* na sala de aula e disse: “Vamos ter um encontro com Paulo Freire. Vamos conhecer suas obras sobre práticas de liberdade. Vamos ver o que podemos aprender como ele e como aplicar esses seus ensinamentos nas nossas práticas educativas”.

Aqueles eram tempos de redemocratização política, as ideias de liberdade inspiravam novas culturas e comportamentos, e a recuperação da palavra possibilitava posturas de otimismo e de esperança. O país cantava a promessa de novos tempos, e as “Marias e Clarinhas” que haviam chorado a partida de tanta gente em “rabos de foguetes” recebiam

notícias: “Eu tô chegando!” A Pátria, (re) assumindo a figura de uma mãe gentil, voltava a se vestir de branco e azul, verde e amarelo e abria suas portas para receber os filhos espalhados pelo mundo. Foi nesse novo contexto que Paulo Freire, ausente do solo da pátria por ter sido considerado como um “subversivo internacional”, um “traidor de Cristo e do povo brasileiro” (FREIRE, 1979, p.5), retornou a casa depois de longos anos de exílio. Lembro que, logo depois de chegar, ele percorreu grande parte do Brasil e que sua presença enchia estádios e ginásios; todos queriam ouvir a voz do educador que, impedido de educar no Brasil, passou a “ensinar” ao mundo a Pedagogia da Libertação. Logo seus livros passaram a ser legalmente editados e rapidamente esgotados, e suas ideias pedagógicas ajudavam o caminhar dos movimentos sociais e dos processos educativos formais, informais e não formais, na perspectiva da Educação Popular.

Em meio a esse clima de euforia nacional, fui eu quem, dessa vez, partiu para outros horizontes. Os ventos me levaram para cursar um Doutorado no México, país que, historicamente, acolhia grandes levas de latinoamericanos e de espanhóis, todos eles saídos de suas terras em “rabos de foguetes”. O encontro com um mundo novo e desconhecido me colocou frente a frente com “o outro, os outros”. A multidão que povoava a cidade do México, composta de indígenas nativos, mexicanos descendentes de europeus, descendentes de outros latinos, migrantes latinos de todos os países da região, espanhóis e norte-americanos, representando o encontro de múltiplas culturas, recordava-me o conto de Borges, o Aleph, em que o narrador consegue encontrar um instante perfeito no tempo e no espaço, em que todos os lugares do mundo podem ser vistos, simultaneamente, sem confusão, a partir de todos os ângulos e em perfeita existência concomitante. Se não era esse o caso do ruidoso e colorido México, era assim como eu o percebia.

Foi vivendo o meu exílio voluntário neste país, em meio à redescoberta de novas aprendizagens, que, um dia, no início dos anos de 1990, de forma inesperada, fui apresentada a João Francisco de Souza, discípulo e amigo de Paulo Freire. O encontro, como diria João Francisco, foi coisa dos deuses e das deusas.

Estávamos ambos no aeroporto, à espera das nossas pessoas queridas e, de repente, como diz a canção, “Yo no buscaba nadie y te vi”. Ele, ostentando um enorme bigode – creio que para homenagear Zapata (Viva México!) – esperava Inês, sua mulher, que lhe trazia da terra distante - além do carinho – carne de sol, charque e farinha de mandioca e que, por excesso de zelo da alfândega mexicana, jamais chegaram ao destino esperado. Eu, por minha vez, esperava minha filha, uma adolescente de 15 anos que, chorosa e trêmula por causa das turbulências do voo, encontrou abrigo e carinho nos braços maternos de Inês. Depois disso, João Francisco, com seu bigode de Zapata, “se perdió en la ciudad”, a terceira maior cidade do mundo da época, com cerca de vinte e um milhões de habitantes.

O tempo passou e, quando regressei ao Brasil, em 1993, encontrei um “novo país”, que tentava, de todo modo, encontrar caminhos para atender às novas exigências de um mundo aproximado pela globalização economia, política, cultural e tecnológica. Um mundo que havia deixado de ser bipolar para se tornar unipolar, cujas nações enfrentavam a perda da autodeterminação e da soberania e que presenciava o surgimento de novos sujeitos sociais, grupos, subgrupos, categorias, nesse novo contexto em que as ideias de Freire do começo dos anos de 1960 e de 1970, consolidadas na Educação Popular, pareciam requerer novas atualizações para responder aos desafios da nova realidade. Nesses tempos, muitos foram os educadores populares que afirmaram a necessidade de, partindo das ideias freireanas, repensar as perspectivas atuais da educação popular e o seu papel nas práticas de democratização da democracia. Entre esses educadores, encontrava-se João Francisco de Souza, que havia conhecido Paulo Freire e convivido com ele durante diferentes fases da sua vida e que, apoiado em seu Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular –NUPEP -

insistia na vigência das ideias freireanas não apenas no âmbito da educação popular, mas também da escola e das políticas públicas da escolaridade formal. Ele costumava comentar que o pensamento freireano continuava contribuindo com a construção de respostas aos requerimentos histórico-sociais da América Latina, tanto na educação não escolar quanto na escolar, que a sociedade contemporânea dos anos de 1990 requeria interações de cultura como base para a construção de quaisquer propostas político-pedagógicas e que o pensamento de Paulo Freire possibilitava o diálogo entre culturas diferentes construindo a multiculturalidade (SOUZA, 2005). Como bons vizinhos – ele, em Recife, e eu, em João Pessoa - costumávamos nos visitar e, com frequência, organizávamos atividades conjuntas sobre o tema da educação de jovens e adultos para serem apresentadas em congressos de educação regional e nacional (ANPED, EPENN, ANPAE, ENDIPE).

No ano de 2002, saí novamente do Brasil e, dessa feita, exilei-me em Barcelona para realizar estudos de pós-doutoramento. Integrada à Universidade de Barcelona, passei a frequentar o Centro de Educação Social e Educativa - CREA - dirigido pelos Professores Ramón Flecha e Rosa Valls, e para minha surpresa, encontrei, fixadas nas paredes, várias fotos de Paulo Freire, ilustradas com suas reflexões sobre as práticas e as práxis educativas. Naquele espaço acadêmico, Paulo Freire, com outros teóricos internacionais, como Habermas, Searle, Giddens, Touraine e Beck, destacava-se como um dos autores “mais influentes da literatura educativa e como o pedagogo com o maior número de referências nas ciências sociais em geral” (depoimento de uma professora do CREA). Suas referências, citadas pelos dois mais importantes bancos de dados das ciências sociais atuais: o Social Fire e o ERIC, tornavam Freire, através da sua teoria dialógica e de seu enfoque comunicativo, no contexto da diversidade cultural, um dos autores que oferecia os melhores subsídios para explicar e justificar o momento inicial do Século XXI, ancorado na busca do consenso e da justiça social. Como escreveu o Prof. Ramón Flecha, dirigente do CREA, “as ciências sociais atuais são dialógicas. O giro dialógico das ciências sociais atuais tanto se orienta em direção às contribuições da obra freireana como a atual sociedade da informação necessita do compromisso proposto por Freire” (FLECHA, 2003, p. 24).

Um dia, soube que João Francisco também se autoexilara em Portugal e que viria visitar o CREA. Quando o encontrei, deparei-me com “um João” mais jovem, mais vaidoso, sem bigode e muito mais “guapo”, com uns ares e modos de um Pablo Picasso (Olé!!!). Saímos os dois a caminhar por Barcelona, em meio a uma multidão anônima e diversa, organizada em uma sociedade composta por Seres diferentes e, ao mesmo tempo, iguais, que se juntavam e se distanciavam pela cultura ou por sua posição no espaço geográfico. Eu olhava aquela gente sendo e me via e me sentia parte daquela “comunidade”, em meio as suas necessidades de natureza simbólica e afetiva (GONZÁLES OCHOA, 2000). Eu e João Francisco, integrantes daquela multidão anônima, buscávamos, como os demais, como todos os Seres, formas de interagir e compartilhar com o Outro, exercendo a nossa prática do *viver juntos, ainda que sendo diferentes* (TOURAINÉ, 1988).

Em nossas caminhadas, na sombra da Igreja Sagrada Família, por horas a fio, nós nos questionávamos sobre os limites e as possibilidades de conviver com o outro mesmo sendo diferente e sobre a atualidade do pensamento freireano em sociedades nacionais e num sistema mundial pluricultural.

Nessas ocasiões, João, referindo-se à atualização das ideias de Paulo, que, nesses anos, já havia partido para o infinito, advogava, de forma apaixonada, que Freire, em suas obras, havia sido capaz de perceber, com antecipação, as necessidades das novas formas de convivências humanas nos campos da economia, da política, da religião, da etnia, do gênero, dos saberes e da interpessoalidade, em um mundo em veloz modificação. Eram essas percepções, imbuídas de “responsabilidades” e de posturas éticas com o “Outro”, que o

situavam como um pensador contemporâneo; eram essas preocupações, inseridas no debate educacional e na prática pedagógica, no interior dessa diversidade cultural, que reatualizava as quarentas décadas da Pedagogia do Oprimido e da Educação como Prática de Liberdade, concluía. Depois de alguns dias, ele voltou para Portugal, mas, antes de partir, e na nossa saudade “de casa”, provocada pelo exílio, cantamos juntos a música “Sabiá”, de Chico Buarque & Tom Jombim, em que um se promete “voltar para o lugar que é o seu lugar e porque é lá onde se ouviu e se há de ouvir o sabiá cantar”.

CANÇÕES SOBRE IGUAIS E DIFERENTES

Cheguei a Barcelona no mês de novembro de 2002. Desde o primeiro momento, senti, naquela cidade multicultural, a cada minuto do cotidiano, uma efervescente diversidade cultural. Diferentes etnias, idiomas, religiões, traços étnicos e formas de organizar e viver a vida desafiavam diferentes grupos institucionais e não institucionais. Não me parecia fácil potencializar ao indivíduo e ao coletivo ali agrupados novas práticas pedagógicas por meio das quais se estabelecessem diálogos entre distintos grupos culturais, facilitando a convivência e diminuindo o conflito que emerge de forma latente em cada espaço daquele território transcultural.

No início, sem conseguir me integrar mais com os grupos locais e sem dominar as regras culturais do novo contexto – inclusive de dominar o idioma catalão - sentia-me insegura e em situação de exclusão². Esses sentimentos, causados pela sensação de inúmeras perdas: da *identidade*, do espaço social familiar, da *voz* (BURKE,1995) e do reconhecimento social propiciado pelo *local*, contraditoriamente, compensava-se pela liberdade do anonimato e dos desafios de viver, de forma intensa, novas experiências e descobertas plurais, tanto do ponto de vista acadêmico quanto social. As condições multiculturais da cidade, por exemplo, que propiciavam constantes manifestações e debates sobre os *iguais e os diferentes* e sobre a possibilidade de se *viver juntos* (TOURAINÉ,1999), enunciavam, de forma contraditória, as possibilidades humanizadoras da tolerância e da inclusão em um mundo globalizado, apesar da dificuldade de se conviver com uma “pluralidade de mundividências”, com “sistemas de valores múltiplos” e aparentemente antagônicos.

Passados os impactos iniciais do meu exílio voluntário, pouco a pouco, passei a celebrar a oportunidade ímpar de me submeter a todos os processos de aprendizagem que me possibilitassem combinar o pluralismo cultural em situação de descobertas com as experiências de vida (identidade pessoal) propiciadas pela vivência anterior, em busca de uma “*autoadaptação*” (BURKE, op.cit., p.91).

Foi vivenciando essas sensações duais e heterogêneas que ingressei, como voluntária, na Escuela de Personas Adultas la Verneda-Sant-Martí,³ para participar de uma atividade de

² Segundo Bonneti, citando Vicent Gaulejac et alii (1994), a exclusão social pode ser vista como um processo resultante de mutação tecnológica, social e cultural. A exclusão social está relacionada à luta pelo espaço na sociedade e ocorre entre indivíduos e instituições ou organizações sociais. O indivíduo, quando perde a identidade, o espaço social, é também um excluído. (2000, p. 28-29).

³ A Escuela de Personas Adultas de La Verneda-Sant Martí foi fundada nos anos de 1978 através de iniciativas da população no Sant Martí – um bairro operário circunscrito à cidade de Barcelona. Um grupo de cerca de 20 vizinhos pretendia, entre outras coisas, obter um espaço para os que não sabiam ler e escrever e garantir-lhes acesso à educação. A ocupação pelo grupo de um prédio vazio, no qual funcionava a extinta seção feminina do regime franquista, possibilitou a criação de um centro cívico comunitário, com uma creche, uma biblioteca, um lugar para jovens e para aposentados e a sonhada escola de adultos.

extensão oferecida pelo CREA, no âmbito da Educação de Adultos. Tertúlia Literária Dialógica⁴, é uma experiência educativa vivenciada com pessoas adultas de pouca escolaridade, organizada pelo CREA. Assim, no verão de 2003, ciente de minha condição de *estranha* ao grupo (BECK, 2000) e oriunda de um país visto como colonizado, ingressei, timidamente, em uma turma especial de leitores dos clássicos da literatura pelas mãos de Cervantes. Foi ele, através de suas novelas exemplares, quem me introduziu nas tertúlias literárias. Objetivamente, eu tinha que *participar* das atividades de educação de pessoas adultas oferecidas pela Escuela La Verneda-Sant Martí, aplicando conceitos educativos baseados no diálogo e na interação e privilegiando as relações entre educação, transformação e cidadania. Isso me possibilitaria novas aprendizagens, autoaprendizagem e novas sociabilidades. Porém, naquele contexto, culturalmente diferente do meu grupo de origem, sabia que outras necessidades de natureza subjetiva – as simbólicas e afetivas (GONZÁLES OCHOA, 2000) – emergiam de forma mais visível, desafiando meu equilíbrio e a capacidade de me “ressocializar”. Eu, estrangeira, “exilada”, portadora de experiências diferenciadas das que caracterizavam o grupo, precisava interagir, viver e compartilhar com outros sujeitos minhas experiências; somar e dividir as novas experiências em aquisição. Essa era uma das formas de exercitar a prática do *viver juntos, mesmo sendo diferente* (TOURAINÉ, 1988).

Exceto a monitora e os voluntários (como eu), nenhum dos demais integrantes da Tertúlia tinha realizado ou estava realizando estudos universitários nem “pertenciam ao público habitual a que se dirigem as ofertas culturais”, ou seja, pessoas adultas, “que os preconceitos oficiais (inclusive os meus) consideram como não motivadas pela literatura” (FLECHA, 2003, p.11). As pessoas que integravam a tertúlia tinham idade variável entre 50 e 85 anos, a maioria migrante do sul da Espanha, antigos operários/as, vendedores ambulantes, ferroviários, motoristas ou donas de casa. A despeito da pouca escolaridade e da pouca familiaridade com a educação formal acadêmica, os participantes liam, interpretavam e discutiam, de forma espontânea e autodidata, obras literárias clássicas de diferentes autores. Ao mesmo tempo em que estudavam e comentavam a obra literária, sob o ponto de vista da biografia do autor, do conteúdo da obra e do momento histórico de sua produção, elas serviam de referência para estabelecer uma ponte com as histórias de vida individuais ou familiares do participante ou sobre temas polêmicos, como a opressão da mulher, os preconceitos, a exploração do indivíduo, a violência, a migração, o abandono da criança e do velho, o desemprego, as desigualdades étnicas e sociais, a solidão e a condição humana. Na dimensão cotidiana das histórias de vida reveladas, o grupo exercia a prática de pensar e discutir, coletivamente, acontecimentos da vida social, construindo interações sociais e representações sobre o significado da obtenção e da manutenção de valores que envolvem os direitos e os deveres: os valores da “satisfação das necessidades e da manutenção da

No decorrer de 20 anos, os participantes da Escuela de La Verneda, em conjunto com outros movimentos dos moradores do bairro, conseguiram transformações comunitárias de natureza urbanística e cultural.

⁴ Tertúlia Literária era a denominação dada aos encontros e às conversações de intelectuais espanhóis, geralmente celebrados em cafés tradicionais. Surgida no ano de 1978, na Escola de Educação de Pessoas Adultas de La Verneda de Sant-Martí, em Barcelona, Espanha, como uma atividade cultural e educativa, através da leitura dos clássicos da literatura universal, essa atividade adquire, ao longo de sua implantação, um sentido de superação da exclusão social. A dinâmica está baseada no diálogo, que é gerador de aprendizagem. Conf. Flecha, Ramón, 2003. Existe, atualmente, um projeto coordenado pela CONFAPEA – Confederació de Federacions i Associacions de Participants en Educació i Cultura democràtica de persones adultes **democràtica**. chamado “Mil e uma Tertúlias”, desenvolvido através de associações, universidades, grupos de mulheres, movimentos sociais, escolas de educação de adultos, associações multiculturais etc., em diferentes em estados, cidades e bairros da Espanha e em outros países do mundo (inclusive, no Brasil, na Universidade de São Carlos).

liberdade” (SEN, 2004, PP. 16-18), via aprendizagem dialógica⁵, metodologias baseadas nas ideias de pensadores como Freire, Habermas, Beck, Gidderns e Vygotsky.

Depois das primeiras sessões em que fui sujeito e objeto de exames, senti-me mais segura para “compartilhar as palavras”, mesmo quando me expressava com algumas ‘dificuldades e hesitação’ (BURKE, op.cit. p.68), em um idioma que não era o meu. Ao compartilhar as palavras, ia adquirindo a sensação de *pertença* e de *integração*, apesar da condição de *estranha* e de *estrangeira*. Essa integração ia me propiciando o surgimento de uma nova identidade, mescla do antes estabelecido com variedades de coisas novas e estranhas (BAUMANN,1992. In: BECK, op.cit. p.149). As diferenças continuaram a existir, entretanto, sentia-me igual nas minhas condições de diferente.

Ao redor de uma mesa, os/as participantes se permitiam, sem temor ou inibição, expor os seus desejos, necessidades, esperanças e sonhos. Eram as tertúlias, verdadeiras *comunidades dialógicas de aprendizagem*⁶. Nesse processo educativo, misturando interações subjetivas com o processo de reflexão e comunicação, os participantes iam elaborando os significados de suas vidas e desenvolvendo ações de transformação, materializando as ideias de Freire sobre a emancipação do Ser; sobre o sentido e o significado da vida humana nas possibilidades imprecisas e históricas do futuro.

CANÇÕES SOBRE NOVAS CONSTRUÇÕES DE CONVIVÊNCIAS

João Francisco, no citado livro, ‘Atualidade de Paulo Freire’, problematizou as “probabilidades que podem ter os processos educativos de contribuir com a construção da humanidade do ser humano, de todos os seres humanos, em todos os quadrantes da pós-modernidade/mundo em sua integridade” (SOUZA, 2002, p. 47), e a diversidade cultural como possibilidade de um diálogo inter e intracultural, na construção de processos educativos com as camadas populares das sociedades nacionais e da sociedade mundial, como resposta aos desafios da pós-modernidade/mundo. Ele supunha e defendia que as diferentes práticas pedagógicas, quando proporcionassem experiências significativas, se fossem vividas interculturalmente, poderiam garantir e desenvolver o desejo e a luta por uma sociedade democrática.

No caso das Tertúlias Literárias, considero-as *experiências significativas, porque* propiciam aos seus participantes a oportunidade de exercer suas “inteligências culturais”, com base no “diálogo igualitário”, e de estabelecer uma relação entre a obtenção da informação, o uso da palavra e a capacidade de elaborar ideias (ação comunicativa) (MELO NETO, 2002).

Recordando aquelas pessoas que, durante meses e anos, juntavam-se para vivenciar, através de uma *produção colaborativa*, as histórias dos livros que liam, para contar histórias de suas vidas e de seus cotidianos, não duvido da existência de uma aprendizagem que se adequava às novas exigências de um mundo em transformação, marcado por profundas modificações sociais, avanços tecnológicos e novos padrões de comunicação. Como entende

2-Considera-se aprendizagem dialógica o “resultado das interações que produz o diálogo igualitário, ou seja, um diálogo em que diferentes pessoas aportam argumentos em condições de igualdade, para chegar ao consenso, partindo do que se quer comunicar e falando sem pretensões de validez”. (FLECHA, 2003)

⁶ Na Espanha, as Comunidades de Aprendizagens são entendidas como centros educativos de ensino primário e secundário, que abrem suas portas para os membros da comunidade, na busca coletiva de respostas igualitárias a partir da perspectiva da educação para os desafios da *nova sociedade, que chamamos da informação, do conhecimento ou do risco*.

Gonzaga, à luz das ideias de Freire, os “oprimidos” necessitam recriar sua existência com os recursos e os materiais que a própria vida lhes ofereceu. Os caminhos se ampliam quando as descobertas são significativas para o aprendiz e quando, através da aquisição de novas informações, conhecimentos e saberes, encontram alternativas para preservar e recriar, constantemente, a vida e tornam-se capazes de superar os obstáculos que impedem a aprendizagem e as mudanças (GONZAGA 2003, p.45).

A leitura e a interpretação dos textos escritos, selecionados pelo próprio grupo para leitura e discussão, propiciavam o surgimento de novos textos orais - composição de histórias de vida - produto do conjunto das opiniões, ideias, reminiscências e posicionamentos: a “*criação de sentido*” da aprendizagem dialógica. Era através do princípio da capacidade dialógica que as pessoas iam procurando respostas para as inquietações e as opções de vida: para as buscas do prazer e as satisfações individuais; para estabelecer redes de solidariedade e de apoio, de criação e de emancipação.

Os diálogos reflexivos, presentes nas ideias de Paulo Freire e operacionalizados nas tertúlias, faziam dessas sessões de estudo verdadeiras “comunidades de aprendizagem”. Nessas reuniões, as pessoas participantes não apenas vivenciavam experiências de interação, comunicação, diálogo e construção de significados literários e de vida, mas também o processo educacional como um componente natural da vida cotidiana, adquirindo mais informações para “refletirem de maneira crítica sobre sua existência e atuarem sobre ela” (FREIRE, 1979, op. cit. pag.11). As pessoas chegavam tímidas, mas, aos poucos, iam perdendo o medo de se comunicar e de se posicionar, e isso ocasionava a pluralidade de informações e o reconhecimento da existência de múltiplos e importantes saberes, independentemente de serem produzidos pela “cultura socialmente válida”. Essa segurança possibilitava que o grupo aproveitasse o espaço educativo para elaborar novas formulações sobre estar na vida e identificar caminhos por onde averiguar, com profundidade, o que existia de promissor e de limitador para intervir e atuar na busca da satisfação de suas necessidades e de espaços de liberdade, segundo suas eleições. Sobre isso, Gonzaga, em um provocativo texto ainda inédito, denominado ‘*A educação de jovens e adultos e a arte de pensar por alternativas*’ (2013), comenta que o reconhecimento da diferença entre as bases do pensamento do educador letrado e a do trabalhador pouco escolarizado produz um desencontro para situar possibilidades e limites de um entendimento. Nesse impasse, fica difícil negar que o desencontro de visões de mundo e os modos de agir são frutos de uma produção histórica de grandes desigualdades, quanto ao acesso aos saberes, aos bens e aos recursos socialmente produzidos. Ou seja, Freire (1992: 24) impôs sobre si a necessidade de estar familiarizado com a leitura de mundo dos trabalhadores e acrescentou, então, o seguinte passo em direção ao outro: “seria possível discutir minha leitura de mundo que, igualmente, guarda e se funda num outro tipo de saber? Estaria Paulo Freire, nos meados do Século XX, lavrando sozinho, entre os intelectuais, na direção de identificar os diferentes, porque desiguais, enquanto exercitavam tipos de acesso aos saberes e bens que circulavam por esse imenso país?” (GONZAGA, 2013: 4/5).

Os princípios da *aprendizagem dialógica* - diálogos igualitários, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade na diferença, que iam sendo aplicados nos procedimentos metodológicos das tertúlias, abriam espaços para que *os iguais* – detentores de características homogêneas - e *os diferentes* – portadores de diversidades heterogêneas – participassem da aprendizagem do “*vivir juntos em una verdadera igualdad que incluye el derecho de cada persona a vivir de forma diferente*” (ELBOJ E OUTROS, 2002., p.130).

Por tudo isso, acredito que a proposta teórico-metodológica da Tertúlia Literária, uma experiência educativa adotada pelo CREA, na Escuela de Adulto La Verneda de Sant-Martí,

Barcelona – Espanha, propicia que pessoas adultas, com características e histórias de vidas semelhantes e diferentes, combinem interesses e objetivos *particulares e universais* (VELHO,1999: 18) para, em conjunto, transformarem experiências (*projeto individual*), vividas e percebidas, em respostas coletivas (*projetos sociais*), que lhes possibilitem a construção - para si e para o outro – de um *campo de possibilidades* na superação de situações de desigualdade social e educativa.

Foi durante essa experiência de aprendizagem, processada de forma dialógica e coletiva, que senti de perto a materialização das ideias de Freire sobre o “legado humano”. Convivendo com essas pessoas e escutando suas histórias, pude aprimorar minha percepção sobre o lado humano, terno e generoso dos participantes e sua disponibilidade para se comover e se solidarizar.

CANÇÕES DE DESPEDIDA TAMBÉM SÃO CANÇÕES DE ESPERANÇAS

Dezembro de 2003 chegou, e eu teria que regressar ao Brasil. Em uma fria noite de outono, despedi-me do grupo. Apesar do clima hostil que pairava na rua, o ambiente onde ocorria a Tertúlia era cálido e generoso. A despedida registrada com a doação de um livro de literatura espanhola, que continha dedicatórias carinhosas, e com um coro de *vozes* entoando uma tradicional canção de despedida, fortaleceu minha convicção sobre a importância das emoções para o estabelecimento dos laços de solidariedade presentes nas relações sociais.

Naquele momento, vivenciando confusos sentimentos de tristeza e de alegria, lembrei-me de uma tarde de verão quando, percebendo-me em situação de exclusão e de diferente, ingressei nas tertúlias literárias “através” de Cervantes. Também lembrei a “Canción para Caritó”, quando a personagem tema da melodia, na condição de emigrada da província para Buenos Aires, põe em evidencia a solidão em meio à multidão e à necessidade de se sentir reconhecida e identificada entre os demais.

Naquele recinto da tertúlia, eu, que continuava *diferente*, já não me sentia anônima nem indeterminada. Não me sentia uma a mais no ritmo febril da grande cidade. Eu havia me transformado em nós, pertencia a um grupo de pessoas que, mesmo sendo diferentes, encontravam, naquela experiência de educação de jovens e de adultos, um espaço de respeito e de solidariedade com o outro. Saí da mesa e da sala com uma forte convicção de que muito havia aprendido com os meus companheiros. Uma aprendizagem baseada no respeito ao outro e na solidariedade, capaz de validar “os princípios da aprendizagem dialógica e multicultural” defendida por Freire.

Para Torres, o legado humano, terno e generoso que a obra de Freire retrata talvez seja o maior aprendizado, muito maior e mais duradouro do que uma teoria educativa e qualquer método de alfabetização possam ser (TORRES, In: FREIRE, A .M., 2201. p.242). As tertúlias literárias deram-me uma oportunidade de integração, de inclusão e de aprendizagem. Penso que sua dimensão educativa acompanhará a todos nós, que participamos da tertúlia e que fomos buscar, através da literatura e da convivência, uma forma de aprendizagem e de possibilidade de mudanças. Uma aprendizagem, sobretudo, da aceitação “do humano pelo humano”, do conviver e do respeitar o outro em situação de igualdade, mesmo sendo diferente.

Quando regressei ao Brasil, no final de 2003, voltei a encontrar João Francisco. Criamos um grupo de estudo, organizamos mesas redondas, participamos de pesquisa e de propostas de realizar pesquisas e conversamos sobre a vigência das ideias de Freire em um mundo inquieto, incerto e multicultural.

Certo dia, encontrei um dos seus textos, denominado “*É possível construir uma cidadania multicultural*” (s/d), onde ele comenta que a atual complexidade dos saberes pode tornar difícil para as pessoas reconhecerem o que acontece até mesmo em suas vidas diárias e por isso cabe aos diferentes setores da sociedade promover ofertas educacionais e técnicas de atualização, de formação cultural, artísticas, profissionais etc. Isso, segundo ele, situa-se no plano da justiça social e significa a garantia da cidadania em um mundo que se expande e se fragmenta e suas diversidades, especificidades e necessidades. Construir uma unidade na diversidade, lutar pelo sonho possível, pela utopia necessária, significa, para Freire, sua noção de interculturalidade e multiculturalidade, pela superação de guetização e de assimilacionismo na interação crítica entre culturas ou traços culturais - dizia João. A construção dessa unidade, no atual contexto das sociedades fragmentadas e individualizadas (BAUMAN, 2008), é inegavelmente complicada, pois, como prossegue Souza, devido à “diversidade de interesses e disputas de poder entre os grupos humanos, quaisquer consensos revelam-se extremamente complexos. Não apenas complexo, mas complicados, deveras” (Souza, s/d, 18). Talvez tenha sido por isso que Paulo Freire insistiu em defender a questão da unidade da diversidade das lutas pela construção de um mundo humano, de uma democracia expansiva, capaz de atender às diferentes necessidades humanas; o respeito pelos diferentes aspectos do outro e da sua cultura, desde os diferentes recortes - de classe, étnico, de gênero, idade, religião – até as perspectivas ideológicas e políticas.

Se esse Século XXI, denominado de pós/modernidade, distingue-se pela diversidade cultural, no interior de cada nacionalidade e a partir de diferentes recortes, se é a partir dessa nova configuração de organização de grupos que são construídas as relações entre as pessoas e o mundo e seus processos e lutas pelos espaços de liberdade (FREIRE) e de reconhecimento (HONNETH,1997), e se esses processos e lutas podem ocorrer (ou ser iniciados) nos espaços educativos como práticas educativas, formais ou informais como, na condição de educadores e educadoras, somos capazes de contemplar essas necessidades? Como a escola ou outras instituições de educação informal devem organizar suas práticas educativas de forma a aglutinar conhecimentos gerais, heranças de saberes acumulados com as especificidades de interesses tão diversos, alguns deles contextuais e particulares?

Souza reconhece que esse não é um procedimento fácil, sobretudo quando a proposta tem como centro de interesse o diálogo, a reflexão, a tomada de decisão e as mudanças, tudo em um clima democrático. Por isso, conclui que uma das alternativas do fazer educativo é considerar o contexto educativo onde se inserem os educandos e os seus interesses, tendo como proposta maior a inserção pessoa/mundo, sua transformação, libertação e humanização social.

O contexto educativo, conhecido, interpretado e argumentado, de forma respeitosa e democrática, a partir dos diferentes contextos, é que marca as pautas do fazer educativo em suas possibilidades e limites, em suas chances e obstáculos. Essa compreensão, que é a compreensão de Paulo Freire sobre o fazer educativo, significa uma das suas grandes contribuições para o debate educativo no seio da interculturalidade. Segundo Souza, esse é um dos aspectos que (re) atualiza seu pensamento nesse contexto da multiculturalidade.

A atualidade de Freire se apresenta no caráter clássico do seu pensamento voltado para a humanização e a liberdade do SER e em suas ideias metodológicas de que o conhecimento novo sempre deve ser contextualizado e baseado no conhecimento anterior para levar adiante novas perspectivas e aprofundamentos. Por isso que as práticas pedagógicas contemporâneas multiculturais não estão prescindindo das ideias de Paulo Freire, como dizia Souza, e que os seus textos, como propostas pedagógicas de libertação, servem de referência a inúmeros autores e obras espalhados em diferentes contextos do mundo (FREIRE, 1999), ainda que revisitado e reatualizado para um novo contexto.

Como enunciava João Francisco, no final do aludido texto, considerar a atualidade da obra de Freire não é um ato de saudosismo ou, muito menos, de continuísmo (...); aproximamo-nos das obras de Freire, como textos para identificar suas possíveis contribuições para as práticas pedagógicas exigidas por nossa multifacetada pós-modernidade/mundo. São obras contextualizadas que demandam uma recontextualização no sentido de Bernstein (1996). Assim se pode sacar toda a contribuição possível para a reconstrução da sociedade e a reinvenção das práticas educativas para que elas possam contribuir com aquela reconstrução. Como quaisquer contextos, o atual não é de fácil compreensão e dificulta as possibilidades e o alcance de intervenções transformadoras. “Esse é o problema mais desafiante para as instituições educativas, escolares ou não, e para seus educadores e educadoras” (op.cit: 24).

João Francisco traduzia Paulo Freire, na perspectiva da pós-modernidade, e o identificava como um pensador em sintonia com “o sentido da história”, e uma história “como possibilidade que se tece na luta de mulheres e homens que buscam sua humanidade”, como construção de pessoas oprimidas de diferentes formas e em diferentes circunstâncias, também merece reatualizações e releituras. Suas obras e suas práticas pedagógicas, assim como as de Paulo Freire, também perseguiam a utopia da libertação a partir das diferenças. Essas diferenças que possibilitam, através do diálogo, a descoberta - como costumava dizer Souza - da “nossa radical igualdade” e da construção da história.

No livro *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire ofereceu uma dedicatória a João Francisco de Souza, com o seguinte teor: “intelectual cujo respeito ao saber de senso comum jamais o fez um basista e cujo acatamento à rigorosidade científica jamais o tornou um elitista” (FREIRE, 1996). Não se precisa de muita imaginação para constatar o nível de amizade existente entre ambos e por isso, assim como comenta a letra da música, ‘A canção das Américas’, que fala sobre o encontro futuro dos amigos, por certo o futuro já se fez presente no encontro entre esses dois amigos - Paulo Freire e João Francisco.

Por isso, durante essas comemorações brasileiras que recuperam, através da experiência de Angicos, a vigência das ideias de Freire e de sua importância ímpar, nos cenários nacional e internacional, é bem provável que, em algum ponto do infinito, os dois estejam juntos dialogando sobre a educação, suas utopias e suas práticas de liberdade.

REFERÊNCIAS

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. REDE DE APOIO À AÇÃO. Diversidade dos sujeitos. Alfabetização e cidadania. São Paulo: RAAAB Alfabetizadora do Brasil, número 4. dez, 1996.

BURKE, Peter. A arte da conversação. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

ELBOJ, Carmen, et.al. Comunidades de aprendizaje. Transformar la educacióm. Baelona: Graó, 2202.

FECHA, Ramón. Compartiendo palabras. El Aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Barcelona: Paidós Ibéria. s/a, 2003.

FREIRE, Ana Maria. A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo Freire. A importância do ato de ler. Em três artigos que se completam. Questões da nossa época. 45ª edição. São Paulo: Cortez Editora. 2003

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

____. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

GONÇALVES, Luiz Gonzaga. Paulo Freire e a Pedagogia a Serviço da Experiência e Recriação da Vida. In: *Práticas Pedagógicas e Práticas de Linguagem*. Revista de Educação AEC. Associação de Educação Católica do Brasil. ano. 32. n. 128, julho/setembro. 2003. Brasília: AEC, 2003.

GONZÁLES OCHOA, César. *La cultura desde el punto de vista semiótico. Recepción artística y consumo cultural*. México: Instituto Nacional de Bellas Artes/ Centro Nacional de Investigación, Documentación e Información. 2000. p 109-151.

MELO NETO, José Francisco. *Diálogo em educação: o diálogo, como atitude própria humana, expressão da capacidade de perguntar e responder ao outro, como igual, é componente fundante da educação*. Tese apresentada para concurso de professor titular da Universidade Federal da Paraíba da disciplina Filosofia e História da Educação. João Pessoa, Pb: Junho, 2002. Cópia eletrônica.

SOUZA, João Francisco de. *Atualidade de Paulo Freire. Contribuição ao debate sobre educação na diversidade cultural*. São Paulo, Cortez Editora., Instituto Paulo Freire, 2002.

TORRES, Rosa Maria. *Os múltiplos Paulo Freire*. In: _____ Freire, Ana Maria. *A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis, R.J: Vozes,1998.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 6ª. edição. 1999.

VILA, Ignasi. *El espacio social en la construcción compartida del conocimiento*. In: *Educar: revista del Departament de Pedagogia i de Didáctica*. Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona, UAB:. Números 22-23, 1998. p. 55-98